

NOESIS

NÚMERO 53 • JAN/MAR 2000 • PREÇO 420\$00 (isento de IVA) € 2,09

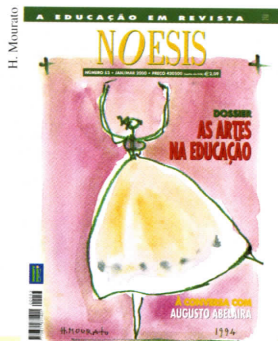
DOSSIER
AS ARTES
NA EDUCAÇÃO

À CONVERSA COM
AUGUSTO ABELAIRA

H. MOURATO

1994





DIRECTORA

Maria Emília Brederode Santos

COORDENADOR EDITORIAL

José Carlos Abrantes

REDACÇÃO

Dora Santos

COLABORAM NESTE NÚMERO

Alexandra Marques, Alexandre Santos, Alfreda Cruz, Ana Campos, Ana Carita, Ana Sofia, Augusto Abelaira, Borges Palma, Elia Pereira de Almeida, Eurico Lemos Pires, Fátima Cavaca, Fernando Rafael, Fernando Ribeiro, Francisca Soares, Francisco Carrapico, Helena Ferraz, Helena Rodrigues, Isabel Figueiredo, Jorge Fraga, José Moura Carvalho, Júlia Correia, Leonor Baeta Neves, Lucinda Silva, Manuel Gomes, Maria João Amante, Maria Márcia Trigo, Paula Folhadeia, Simone Silva Araújo, Teresa Leite, Teresa Ricou.

PROJECTO GRÁFICO

Antunes Martins

REVISOR

Luís Filipe Pedreño

FOTOGRAFIAS

António Carreira, João Paulo, José Mendes, Pedro Humberto.

PAGINAÇÃO, SELECÇÃO DE CORES E FOTOLITOS

IDG

IMPRESSÃO

Fernandes & Terceiro, Lda
Rua Nossa Senhora da Conceição, 7
2795 Carnaxide
Tel.: 21 425 92 00 – Fax: 21 425 92 01

TIRAGEM

7.000 exemplares

PERIODICIDADE

Trimestral

DEPÓSITO LEGAL Nº 41105/90

ISSN: 0871-6714

PROPRIEDADE

Instituto de Inovação Educacional
Ministério da Educação
Trav. Terras de Sant'Ana, 15
1250-269 LISBOA
Tel.: 21 389 51 00 – Fax: 21 389 52 99
Info@iie.min-edu.pt

DISTRIBUIÇÃO

Editorial do Ministério da Educação
Estrada de Mem Martins, 4 – S. Carlos
2726-901 Mem Martins

COMERCIALIZAÇÃO

Audil
Rua Cidade de Cadiz, 14 B
1500-157 Lisboa
Tel.: 21 726 58 59

PREÇO: 420\$00 (Isento de IVA)
€2,09

Agradecemos ao conselho directivo, professores e alunos da Escola Secundária António Arroio as facilidades e apoios concebidos para obtenção de imagens.

As opiniões expressas nesta publicação são da responsabilidade dos autores e não reflectem necessariamente a opinião ou a orientação do Instituto de Inovação Educacional ou do Ministério da Educação. Os artigos publicados pertencem ao IIE.

SUMÁRIO

EDITORIAL

- 3 AS ARTES EM EDUCAÇÃO/A EDUCAÇÃO EM ARTES

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS

PRÁTICAS

- 6 UMA ESCOLA MUSEU

DORA SANTOS

- 9 TAMBÉM QUERO QUE ME CONTEM HISTÓRIAS!

FÁTIMA CAVACA

- 10 SPIDARANHA OU UM "PINGUINHO DE IMAGINAÇÃO"

HELENA RODRIGUES

DOSSIER As artes na educação

- 14 EDUCAÇÃO E CULTURA: UMA URGENTE ARTICULAÇÃO

PAULA FOLHADEIA

- 17 MELHOR ENSINO ARTÍSTICO, MELHOR EDUCAÇÃO

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS

- 19 AS ARTES EM TERAPIA E SAÚDE MENTAL

TERESA LEITE

- 22 EQUIPAS DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

LUCINDA SILVA e HELENA FERRAZ

- 24 EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL NO 1º CICLO

FERNANDO RAFAEL

- 26 MUS-E PORTUGAL

ISABEL FIGUEIREDO

- 28 ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE ESPINHO

ALEXANDRE SANTOS

- 30 PEDAGOGIA E DIDÁCTICA DO DRAMA

JORGE FRAGA

- 33 ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO DRAMA

JÚLIA CORREIA

- 36 A PAIXÃO PELO ENSINO ARTÍSTICO NO CHAPITÔ

TERESA RICOU

- 38 A PALAVRA AOS ALUNOS

ENTREVISTA DE JOSÉ CARLOS ABRANTES

SUMÁRIO (CONTINUAÇÃO)

À CONVERSA COM...

42 AUGUSTO ABELAIRA

ENTREVISTA DE JOSÉ CARLOS ABRANTES e DORA SANTOS

PERSPECTIVAS

52 EDUCAÇÃO PARA TODOS: DE JOMTIEN A DAKAR

MARIA MÁRCIA TRIGO e SIMONE SILVA ARAÚJO

54 CURRÍCULO BÁSICO ESSENCIAL: ÓCIOS EDUCATIVOS E
NEGÓCIOS ESCOLARES

EURICO LEMOS PIRES

RECURSOS

58 LIVROS, BROCHURAS, DOSSIERS TEMÁTICOS, CD-ROMS
E JOGOS

67 ESP - EUROPEAN SCHOOLS PROJECT

FRANCISCA SOARES

68 EXPLORAÇÕES NO MUNDO DA CIÊNCIA

JOSÉ MOURA CARVALHO

71 CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA DIGITAL DO IIE

FRANCISCA SOARES e MARIA JOÃO AMANTE

ACONTECE(U)

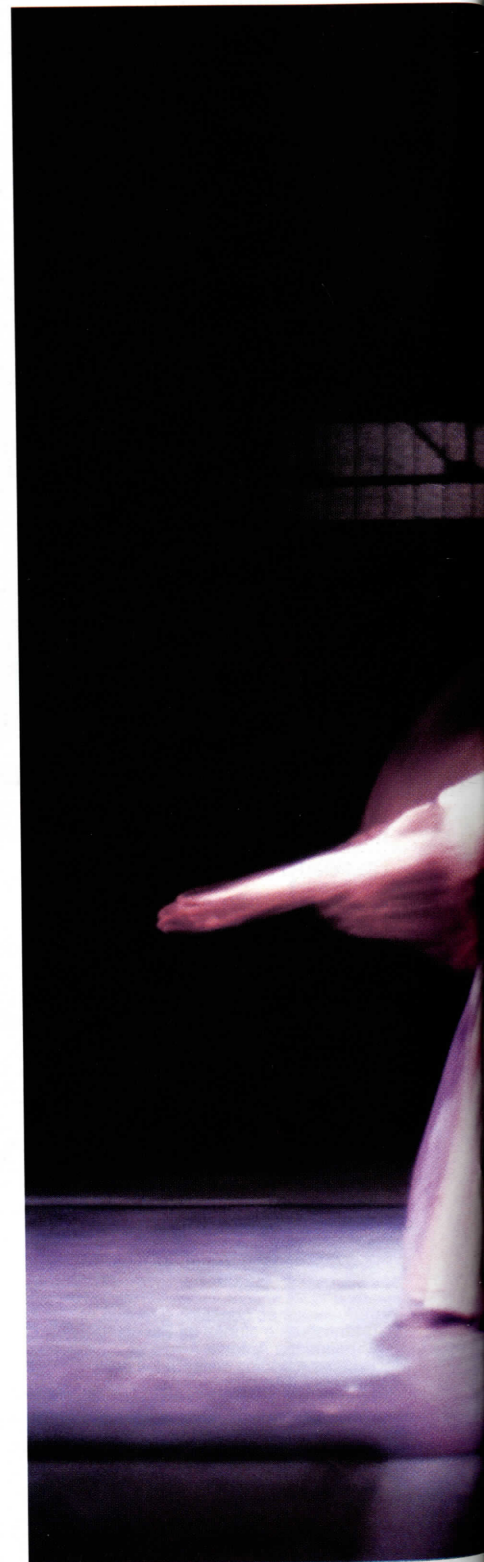
74 NO PAÍS

78 NO IIE

81 POLÍTICA EDUCATIVA

ALFREDA CRUZ

84 TOME NOTA

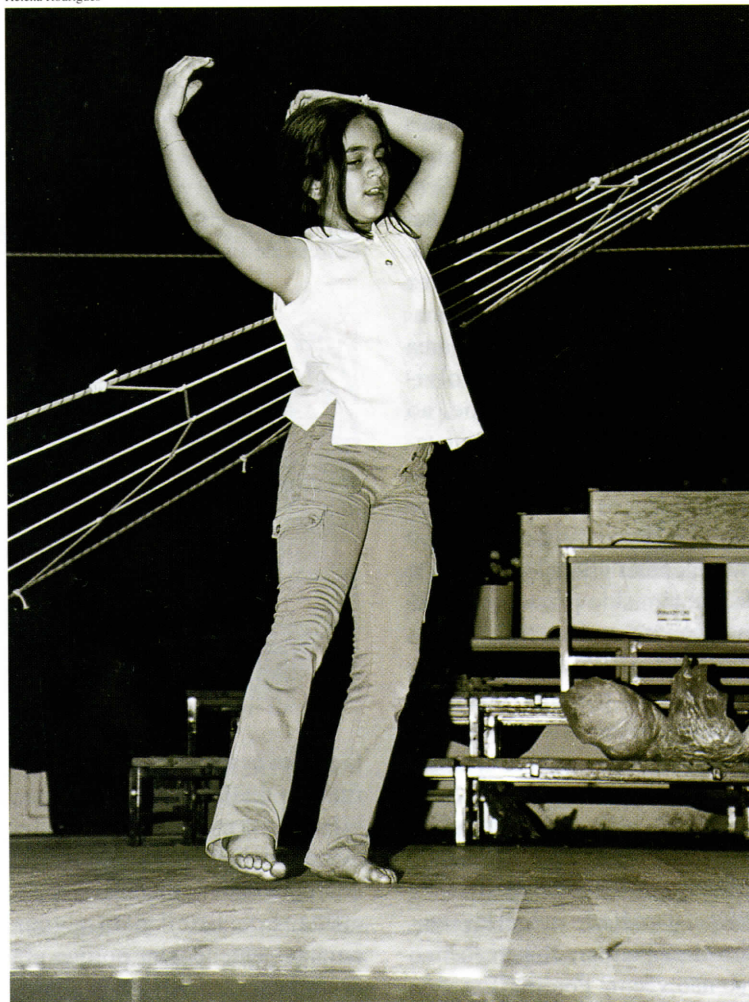


SPIDARANHA OU UM "PINGUINHO DE IMAGINAÇÃO"

HELENA RODRIGUES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Helena Rodrigues



Imagine um burburinho incomensurável de pensamentos, parágrafos, palavras e legendas a sobrevoarem outras ideias mais fixas que, no entanto, lá vão vingando, agarrando-se com unhas de aranha, e conseguindo arrumar-se neste pequeno texto. Oiça este burburinho caótico, surgido do espontâneo natural visceral humano, e, simultaneamente, oiça bem claro, mesmo que Sua Excelência fique em palpos-de-aranha. Oiça-me polifonicamente: funciono a duas pistas.

De forma algo semelhante começa *Spidaranha*.

Espectáculo com música de Paulo Maria Rodrigues e coreografia de António Tavares, estreado em Portugal com alunos do Centro de Cultura Musical (CCM) das Caldas da Saúde e da Escola Profissional Artística do Vale do Ave (Artave), no passado dia 27 de Junho. No palco do Teatro do Instituto Nun'Álvares (INA), estavam sessenta crianças sonorizando uma aldeia africana, dançando, corporizando outros de

si mesmos. Parece que dançavam ininterruptamente desde Março. Entretanto, como que por acaso, alguém abriu a porta do teatro e o público pôde penetrar, ter acesso a uma intimidade construída ao longo de vários meses de trabalho.

Compositor e coreógrafo quizeram que fosse assim. Porque toda a imaginação é polifónica. A ideia era a de sobreposição de duas "texturas sonoras": a sonoridade da entrada do público vindo da luz do dia e a das crianças no palco usando diversos recursos sonoros. Com todo o tempo do mundo.

De forma a que, pouco a pouco, todos se pudessem encontrar na comunhão de uma respiração comum. De forma a que, em conjunto, se encontrasse o pulsar exacto das energias humanas fluindo naquele espaço – naquele tempo de veneração do som e do corpo. Para saber o tempo certo de começar a narração da história da Serra Leoa.

Detenho-me neste prólogo da obra pois julgo ser paradigmático da forma como o Paulo e o António se relacionam entre si e com o acto de Criar: como se ambos fossem companheiros duma viagem. Para o compositor, "Ritmo e movimento, música e corpo são parte dum todo; por isso, em *Spidaranha*, o som foi concebido em estreita ligação com a acção física e o movimento. *Spidaranha* é uma peça sobre o som e o corpo. Sobre o ritmo e sobre o poder da música".

Para o coreógrafo ("um bailarino luminoso", conforme lhe chamou Alexandra Lucas Coelho, no *Público* de 27/6/99), a dança é

"um espaço de comunicação entre os mundos que compõem o nosso Eu; um doce prazer de viajar, em que as pessoas são pontos de partida e de chegada; uma forma de entrar em contacto com... como se chegasses, mensageiro, com oferendas junto de uma deusa, a quem acreditas poder dedicar-te; o acto de dançar é o acto de me reconhecer a mim próprio; no final, tudo parte das velhas questões existenciais e filosóficas: quem sou, donde vim, para onde vou?".

Quem viaja tem a alma livre ou, pelo menos, quer tê-la. Talvez, por isso, tenha sido fácil a ambos deixar de lado os seus "egos criativos", deixando-se disponível para aceitar as ideias e imaginações de outros. Como se criar fosse procurar, encontrar e reunir em *puzzle* peças escondidas por um deus amante de charadas. (O mesmo deus de Valery que entrega em mão um verso ao poeta para que ele procure os restantes?)

Spidaranha não é só um espectáculo – é toda uma viagem partilhada, um percurso educativo em que se cruzam diversas histórias de vida. Não há lugar para a dilatação de egos virtuosos ou para estrelas solitárias; todos são operários de um projecto em permanente construção – simultaneamente, cantores, instrumentistas, actores, bailarinos, aderecistas, inventores de fatos e factos, co-criadores e etc. Em *Spidaranha* a música e a encenação fazem parte do mesmo gesto criativo. Gesto este que está em permanente construção dado que, de cada vez que a obra é realizada, se vai metaforseando de acordo com os recursos e imaginações disponíveis. É, pois, uma obra aberta em sentido lato. Uma primeira versão teve lugar em Londres, em 1997, quando o compositor, objector de consciência, cumpria o serviço cívico trabalhando com crianças imigrantes provenientes de meios sociais desfavorecidos.

Agora, no INA, os alunos mais pequeninos criaram elementos



usados no texto da obra e uma banda desenhada utilizada como elemento cénico no espectáculo e na criação do ambiente que envolve o público. Inventaram os personagens e participaram ainda na construção de bombos e caixas de rufo. Os alunos dos 5º e 7º anos de escolaridade criaram padrões rítmicos, texturas tímbricas, inventaram sons, instrumentos, pesquisaram possibilidades de utilizar cénica e musicalmente objectos do quotidiano, criaram estruturas de composição, definiram regras de improvisação. Trabalharam também na preparação do material de divulgação e na concepção e execução da instalação que acolhe o público no átrio do teatro. Aos alunos mais velhos caberia fazer os arranjos para o quarteto de percussões que acom-

panha as canções da peça.

Spidaranha surge no norte do País como resultado da conjugação de vários factores. José Alexandre Reis, director da Artave e do CCM, explica que, por um lado, ambas as instituições funcionam como um todo, sendo dedicada uma atenção muito especial aos alunos da escola primária – de tal modo que, se actualmente há cerca de 500 crianças envolvidas em programas de educação musical, a intenção é alargar no futuro esta acção a 3000 ou 4000 crianças. Por outro lado, havia a intenção de, com o apoio do Ministério da Educação/Fundo Social Europeu, produzir dois vídeos que servissem como meios de divulgação e troca de experiências com outras escolas do país e do estrangeiro. Acresce



ainda que José Alexandre Reis pôde conhecer de perto a actividade do compositor – que no ano transacto criou a obra "O Gigante Adamastor" para a Academia de Santa Cecília, em Lisboa, apresentação esta que envolveu 450 crianças em palco. "Estas coisas – e um espectáculo destes seria bom em qualquer parte do mundo – podem acontecer quando há apoios e as pessoas certas estão disponíveis, como foi o caso". Enfim, uma experiência com repercussões magníficas na vida da escola pois permitiu juntar alu-

nos com diferentes níveis de desenvolvimento musical, motivando-os e dando-lhes a conhecer diferentes linguagens musicais e experiências artísticas inovadoras (realce-se, por exemplo, a forte componente de ritmos africanos, de *rap*, de improvisação, de construção de instrumentos, de dança e de construção de elementos cénicos da obra), direccionando esforços para uma criatividade que se exteriorizou num produto final.

Ou seja, todo este processo deu lugar a uma profunda experiência individual e social, mediada pela excelente dinâmica humana que ambos os criadores despoletaram. Assim falou a Marta, aluna do 4º ano de escolaridade: "Eu faço quase tudo: faço de estátua, participo nos jogos, faço sons com os sacos de plástico, faço o som dos grilos e, na Tarantella, danço como se estivesse hipnotizada; e gosto muito da festa final em que há músicas giríssimas e fazemos um acordo com o Spider. Os professores são pacientes: põem a nossa imaginação à frente e deixam a deles para trás".

"Basta um pinguinho de imaginação para se fazerem coisas espectaculares". É a conclusão a que chegou o Quico, de 10 anos, que em *Spidaranha* inventou para si próprio o papel de cabeleireiro da aldeia, para além de fazer de aranha, tocar nos instrumentos do *rap* e andar pendurado na teia que três alpinistas ajudaram a montar

e que serve de fundo cénico à representação da obra. Com sacos de plástico e *collants* pretos costurou um temível fato de aranha. E no dia de estreia era de susto vê-lo pendurado na teia, assanhado, a vociferar silvos agudos e impropérios de macaco. Ocorreu-me que, afinal, as aranhas são mamíferos cobertos de pêlos nojentos e que, quando proibidas de ir a festas, salivam viscosas cuspe de cobra venenosa e morcego velho. O João está no 5º ano de escolaridade e três dias por semana tem aulas de violino, formação musical e Orquestra Orff. Agora, está também no *Spidaranha*, sobre o qual afirma: "Inventámos instrumentos: tábuas com martelos, garrafas com esferas e dava um certo som. Tocámos djembés, xilo, vasos, caixa, cântaros, cantámos. Fizemos os "grilos" com casca de noz, fio de linha enroscada, metade de um palito e com o dedo faz-se tratra. Foi uma ideia engraçada, uma descoberta, nós nunca pensámos que os vasos com baquetas de xilofone iam dar sons bonitos, fixes. Nunca tínhamos imaginado". Enfim, uma experiência que marcou toda a escola e com a qual compositor e coreógrafos se declararam muito enriquecidos. Há motivos para nos juntarmos aos Spiders, a essa aldeia da Serra Leoa e, neste Portugal encantado, fazermos todos uma festa! Resta enviar e aceitar mais convites.

A história de *Spidaranha*

Spidaranha é uma peça de música cénica para crianças. Baseia-se num conto tradicional africano que serviu de ponto de partida para um trabalho criativo com as crianças, ao nível do texto, de partes da música, da encenação e da coreografia.

É a história duma aranha, Spider, que por ter oito patas era uma percussionista de talento fora do vulgar. Nas festas da aldeia, o Spider, a Querida e os Miúdos garantiam a reinação. Mas o talento musical era igualado por um apetite voraz e os Spiders, com a habitual falta de maneiras que caracteriza os aracnídeos, comiam tudo o que havia, e não se diz o quê, porque estômagos mais sensíveis ao lerem este texto poderiam ficar incomodados. Adiante. Um dia, excederam-se de tal forma que até mesas e cadeiras fizeram parte da ementa. Isto obviamente não agradou ao resto das pessoas que resolveram dar-lhes uma lição: proibem o Spider de ir às festas da aldeia! Só que o Spider é uma aranha com manha... Após algumas situações conflituosas, de hipnotismo, sob a acção de Tarantellas, negociações complicadas, cimeiras e essas coisas assim, o contencioso fica, contudo, resolvido. Os Spiders e a aldeia chegam a acordo. Tudo acaba bem e em grande festa!